



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE EDUCAÇÃO
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

ARTUR EVANGELISTA DOS SANTOS SILVA

**MEMORIAS DE UM APRENDENTE DE PEDAGOGIA:
O curso, o aluno, a universidade**

NATAL/RN
2017.1

ARTUR EVANGELISTA DOS SANTOS SILVA

**MEMORIAS DE UM APRENDENTE DE PEDAGOGIA:
O curso, o aluno, a universidade**

Memorial de formação apresentado ao curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte como requisito parcial à obtenção da Licenciatura em Pedagogia.

Orientador: Professor Dr^o. Thiago Isaias Nobrega de Lucena.

NATAL/RN
2017

**MEMORIAS DE UM APRENDENTE DE PEDAGOGIA:
O curso, o aluno, a universidade**

Memorial de formação apresentado ao Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, no semestre letivo 2017.1, como requisito parcial à obtenção do Grau de Licenciado em Pedagogia.

Aprovado em: 07/07/2017

Prof. Dr. Thiago Isaias Nobrega de Lucena. – UFRN
Orientador

Prof. Me José Antônio Gomes Albuquerque César – UFRN
Examinador

Profa. Dra. Josineide Silveira de Oliveira – UERN
Examinadora

Dedico a todos os professores que encontram
motivos e forças para nunca desistirem de seus
alunos.

*E agora o que fazer com essa manhã
desabrochada a pássaros?*

Manoel de Barros

RESUMO

Este Memorial de formação aborda pontos relevantes da trajetória da vida e percurso acadêmico de Artur Evangelista dos Santos Silva, fazendo ligação com três eixos principais: o curso, o aluno e a universidade; refletindo sobre a imagem do profissional de pedagogia, os diferentes conceitos referentes ao aluno e a relevância das estruturas físicas e simbólicas da universidade enquanto formadora de sujeitos. Reflete ainda, brevemente, sobre as perspectivas do Pedagogo diante de um mundo complexo e globalizado.

Palavras-chave: Percurso acadêmico; Trajetória de vida; Aprendizagem.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	07
A UNIVERSIDADE	11
O CURSO	14
O ALUNO	17
E AGORA?	21
REFERÊNCIAS	23

Um fogo devora um outro fogo. Uma dor de angústia cura-se com outra.

William Shakespeare

Está chovendo... chovendo como a muito tempo não ouvia chover. Todos estão dormindo, mas o sono parece ter se esquecido de me cobrir com seu manto repleto de sonhos.

Apaguei as luzes já faz um tempo, porém insisto ficar acordado. O que fazer? Nem as sombras do meu quarto e nem a chuva com toda sua orquestra de sons e sensações me domaram os cílios... o que faria silenciar meu espírito? Sim, meu espírito gritava e se debatia como se estivesse preso do outro lado do espelho: me reconhecia nele, no entanto não o entendia; não conseguia ler seus lábios e seus gestos. Observei e refletir por alguns minutos. Rezei e lancei algumas preces mais espontâneas à Deus, no entanto Ele parecia estar ocupado com causas mais urgentes. Mais um silêncio, mais um deserto...

São nesses momentos mais escuros que nascem chamas em mim. Esperar algo sem saber o que é. Desejar sem possuir claramente um alvo para o desejo. Só pode ser ela: a esfinge deitada ao meu lado.

Na noite chuvosa eu tinha decidido escolher sobre o que seria meu TCC, seu formato e seu questionamento principal; e depois de longas horas debatendo comigo mesmo, agitado pela presença mitológica que não cessava de me dizer com os olhos “decifra-me ou devoro-te” optei pelo memorial após imaginar cada possibilidade de formato. O questionamento não poderia ser melhor e mais sincero; um questionamento que faço a mim mesmo desde o terceiro semestre: “o que eu serei ao sair?” “no que estou me tornando?” No entanto antes de tentar responder essas perguntas acho pertinente dizer um pouco de minha história de vida.

APRESENTAÇÃO

Este memorial foi escrito com a intenção não apenas de preencher um requisito para se completar a graduação no curso de Pedagogia, mas também para tentar fugir um pouco da “monocultura da beterraba¹” dita por Claude Lévi-Strauss (1986) e que muito me incomoda.

Porquê um memorial? Por que acredito que uma das coisas mais únicas e autênticas que existem em qualquer que seja o ambiente é a humanidade. Não a humanidade enquanto substantivo, mas sim enquanto adjetivo; um adjetivo que muitas vezes se porta como verbo... que simultaneamente é conjugado na primeira pessoa do singular e na primeira do plural. A humanidade que expresse aqui é aquela que nos faz sermos “nós” e ser “eu”.

O que irei narrar são pensamentos, trajetórias e dúvidas... é uma narrativa fruto de uma vida que ainda se está vivendo e que caminha rumo ao próximo passo, um por vez.

Por hora, quero focar os meus caminhos descritos aqui com a formação que recebi. As palavras que me formaram e os personagens que cultivaram em mim respeito ou receio, ou ainda outros sentimentos, mas que certamente ajudaram a construir em mim uma pedagogia de vida.

Exporei sobre a primeira formação do profissional de pedagogia e do que é feito um pedagogo. Não. Não será uma receita médica e tão pouco gastronômica. Apenas mostrarei meu pensamento a respeito da formação desse profissional através de meu percurso escolar e acadêmico.

...

Nasci em Natal; em fevereiro de 1992 um ano tão cheio de eventos quanto qualquer outro: primeiro ano sem apartheid, olimpíadas de Barcelona, movimento dos caras pintadas, a ECO 92; era um tempo, dizem os livros, em que

¹ Trata-se de uma metáfora utilizada pelo autor em 1986; uma crítica a produção em massa da sociedade. Transformando todos em uma homogeneidade de pensamento e formas de viver.

aparentemente o mundo atualizava suas preocupações com o destino da civilização pela via ambiental. Minha família mudou-se algumas vezes, no entanto não lembro dos outros bairros que minha família já morou além do bairro Neópolis, onde resido até hoje.

Meus pais precisavam pagar aluguel e por isso uma história bastante comum se repetia: uma rotina de trabalho desgastante em um logradouro que pela manhã era lanchonete, a tarde uma pizzaria e a noite um bar. O tempo consumido pelo trabalho fez com que eu convivesse com diversas pessoas; todos clientes e alguns amigos e familiares. Esse tipo de convívio me deixou exposto a realidades alheias conflitantes, em sua maioria mulheres que se queixavam da negligência e desrespeitos dos maridos; do outro lado o machismo exposto entre os homens de todas as idades.

A medida que fui crescendo e comecei a ler, foi desenvolvendo em mim um desejo, um ideal de ser uma pessoa cada vez melhor, assim como os heróis que preenchiam o meu imaginário e bagagem literária e cinematográfica.

A soma desses elementos: literatura, cinema religião Católica Apostólica Romana e convívios foi me moldando de uma forma intensa e praticamente imperceptível para mim mesmo. Me debruçando sobre meu passado, reconheço traços e mais traços de pessoas, personagens das inúmeras fabulas, lendas e romances que permearam minha vida e que ainda hoje são presentes em todos os sentidos dentro de mim.

A boa educação de meus pais e irmãos, foi um fator crucial para que meu desempenho fosse um pouco acima do satisfatório e um pouco abaixo do “máximo”. Todos os professores me ensinaram lições para além da disciplina que eram responsáveis, de forma negativa ou positiva, agora recordo deles como exemplos a serem seguidos ou caminhos que não devo trilhar.

Algo que percebo em comum entre os bons professores são os traços de ética, responsabilidade, planejamento e dedicação para com os alunos, o conhecimento e a própria instituição. Pontos que apresentarei mais a frente acerca da imagem do profissional de pedagogia e as variáveis inerentes a ele.

O que me levou a escolher Pedagogia? A resposta pode ser frustrante para alguns: Pedagogia, como curso superior, nunca foi meu sonho. Minha primeira opção foi psicologia, porém não consegui ingressar por esse curso. Então decidi me guiar pelos conselhos de alguns professores que me indicaram pedagogia por acharem ser o mais próximo do curso que desejava, e, caso não gostasse, poderia mudar de curso *lá dentro* por um outro processo mais fácil; caso gostasse, poderia me especializar em alguma área da psicologia. Em qualquer possibilidade eu ficaria bem.

Durante todo ensino fundamental e médio, eu tinha um desejo de ajudar as pessoas de todas as formas possíveis. Um idealista promissor e ao mesmo tempo um sonhador ingênuo.

Foi na terceira tentativa que consegui entrar na Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Segundo lugar em pedagogia... status que, pouco tempo depois, percebi não ter importância alguma na formação de ninguém; ou pelo menos não teve efeito algum na minha além de “afagar” o ego no primeiro período.

O verdadeiro divisor de águas ocorreu no terceiro período do curso. Estava passando por situações complicadas: minha namorada se encontrava com frequência hospitalizada devido a crises epiléticas; estava ficando desencantado com o curso; meus irmãos mais velhos brigando entre si. No quarto período, decidi cursar apenas uma disciplina. Um erro que me custou muito caro. Após alguns e-mails e diálogos com amigos e professores, decidi continuar com o curso; afinal, já estava praticamente na metade dele.

Tentei e mesmo agora, tento dar o melhor de mim enquanto universitário e futuro profissional. Mas uma das perguntas que mais ecoa na minha mente é “você deu mesmo o melhor de si?” Acompanhado de uma centena de “e se..?”.

Memórias de um Aprendiz de Pedagogia encadeia três grandes blocos de memória: o curso, o aluno e a universidade. Na escrita deste texto alterei a ordem e deixei por último o bloco “o aluno”; porque nele exponho uma espécie de curta auto avaliação, que tem como proposta dar conta do questionamento: Quem sou eu depois de encontrar a universidade e o curso de Pedagogia?

Darei continuidade a este memorial tentando focar em cada ponto no título. Dado a complexidade de cada elemento, seria um absurdo tentar dissociar por completo o aluno do curso e da universidade; assim como não seria justo excluir um ou outro elemento como se existissem em mundos diferentes e intocáveis. Porém, respeitando a interação de cada um, irei conduzir a discussão como quem move o olhar: o aluno caminha na universidade enquanto pensa sobre o curso e esse olhar não é o mesmo que o do professor e tão pouco é o mesmo que o do vendedor que fica nas paradas adjacentes ao campus.

A UNIVERSIDADE

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, grande não apenas em nome, mas em renome e competência. A fama dela a precede, sendo a melhor das regiões Norte e Nordeste, quem não desejaria se formar por meio dela?

Esse *slogan* era o que muitos diziam e repetiam “não importa o que você faça lá (UFRN), só em você estar lá, ficará bem no mercado de trabalho e/ou na vida”. Durante o ensino fundamental já escutava frases como as citadas acima, mas foi no ensino médio que foi gerado dentro da maioria dos estudantes um anseio de fazer parte da federal e acessar a vida através dos conhecimentos que a instituição de ensino superior oferecia. Quase um rito de passagem.

As pessoas insistiam e estranhavam aquele que não quisesse tentar o vestibular. No entanto, confesso que não estava pensando com tanta frequência e aflição que meus colegas; era algo já decidido antes mesmo de eu conhecer a universidade. Não pensava tanto no que iria fazer durante o processo de formação e sim no que faria depois. Como já mencionei, era um sonhador ingênuo e um idealista, me imaginava ajudando os outros quase como em um filme hollywoodiano ou como num passe de mágica: as pessoas viriam a mim como muitos conhecidos meus faziam e seus problemas seriam sanados sem exceção, então ganharia algum dinheiro, o bastante para ajudar meus pais e ser feliz para sempre..., no entanto a vida dificilmente é tão linear quanto essa perspectiva, para não dizer nunca.

Quando me perguntavam “o que você espera encontrar lá? Como imagina que seja?” Sempre imaginava um lugar sagrado do conhecimento e sabedoria. Uma enorme biblioteca de livros e mentes, algo como um auditório imenso de encontros; um lugar onde faria de mim um sujeito mais criativo e rico em habilidades que me fariam ser um ótimo profissional; uma escola de “como ser” alguma coisa que eu não imaginava com precisão o que seria, mas desejava.

O que encontrei? Quase o mesmo que imaginei, só que menos fantástico e menos brilhante em visão. Tive de fato encontros inesquecíveis com docentes e colegas de curso e de outros cursos.

Apesar dos espaços serem quase homogêneos quanto a infraestrutura (salas retangulares, cadeiras, quadro branco, etc.) não se tornar um ponto negativo. O que irá induzir ou proporcionar a aprendizagem dos educandos serão as metodologias e relação professor aluno.

Isso não quer dizer que espaços bem planejados em formas, cores, funcionalidades, materiais e intenções não faça diferença no estímulo. Mas que o mais importante se concentra principalmente nas metodologias e convívio no espaço da universidade.

Já vivenciei aulas terríveis onde tudo concorria para que fosse uma aula memorável positivamente. No entanto a relação professor aluno e a metodologia empregada minaram a aprendizagem dos educandos e conseqüentemente o retorno ao professor; gerando um ciclo de desconforto onde ambos queriam que acabasse o mais rápido possível.

Por outro lado, também tive experiências em que faltava muitas coisas, inclusive o quadro branco! No entanto a criatividade e harmonia entre professor – estudantes – e conhecimento foram memoráveis e de fato, alcançou seu objetivo de formação de futuros profissionais.

A verdadeira formação, embora passe por processos burocráticos, que passe por papéis e ocorra dentro de estruturas físicas se dá principalmente no campo das relações entre o docente e o conhecimento; o docente e os educandos; educandos e educandos; e por fim educandos e conhecimento.

As concepções dos professores podem levar a uma formação defeituosa se aquela não corresponder ao cenário ideológico e concreto dos espaços onde atuarão esses futuros profissionais. A relação desgastante entre docentes e discentes podem levar estudantes e aprendentes a se tornarem alunos, ou pior não alcançarem os potenciais máximos da disciplina, prejudicando mais uma vez não somente os envolvidos, mas a própria atuação do futuro professor e conseqüentemente, o quadro educacional a nível municipal, estadual e até mesmo nacional. A relação entre os discentes entre si e com o conhecimento podem ser tão nocivas quanto as anteriores.

Por essa razão, considero e coloco a um nível de extrema importância nesse processo formativo, não apenas uma estrutura física, porém e principalmente uma estrutura humanizada.

Uma estrutura que olhe para os sujeitos como pessoas e não como números ou objetos fabricados em larga escala. Onde as relações sejam mais horizontais e menos hierárquicas.

Nesse ponto, concordo em dizer que a estrutura tem uma certa influência na formação dos seus: no momento em que se aproxima os prédios do bloco de aulas do prédio administrativo. O centro de Educação ao lado do bloco de aulas é de um simbolismo que talvez passe despercebido por muitos, no entanto a aproximação ocorre não só entre os prédios, mas também entre os corpos docente e discente.

Essa aproximação física encurta as distâncias. É uma frase que poderiam apontar como redundante, todavia esse encurtar de distâncias ultrapassa os níveis do concreto. Isso abriu um leque de possibilidades e elementos que sem dúvida irá melhorar a qualidade da formação.

Primeiro, sentimento de pertença: “estudo no bloco de pedagogia”, ficamos menos dispersos e mais entusiasmados com esse evento. Segundo: os diálogos se tornaram mais fáceis, uma vez que o prédio “é bem aqui do lado”, as ideias se encontram com mais frequência em espaços próprios para elas, pensadas para que isso ocorra.

Enfim, como aprendente tive um certo privilégio de observar essa transição entre espaços dispersos para um espaço próprio da Pedagogia. O que pude perceber foi que embora a infraestrutura não seja a parte mais importante da formação, possui em si uma relevância simbólica que pode promover espaços formativos onde as potencialidades podem chegar a níveis impressionantes. No caso do bloco de aulas de Pedagogia e do Centro de educação, embora estejam ainda em processo de construção (afinal sempre há algo para acrescentar ou consertar) são espaços onde as paredes não são barreiras, mas passam despercebidas diante das relações políticas que são promovidas ali.

O CURSO

Dizem que quando se está perto do fim de algo importante – como um relacionamento afetivo; ou uma carreira de trabalho; ou ainda, a própria vida – lembramos do início e em seguida de todo o percurso como um filme. Não me recordo com clareza de minha primeira aula. Quando tento, somam-se à minha mente imagens e falas desconexas, restando apenas as sensações.

Primeiro semestre de 2012. Era aula de Antropologia da Educação ministrada por Maria da Conceição de Almeida Xavier. Estava sentindo uma mistura de excitação, expectativas e, simultaneamente, aflição e angústia. Afinal o curso havia enfim começado. Lembro da alegria e surpresa ao me deparar com o formato da aula: a posição das cadeiras em meia lua, uma professora que conversava com os discentes e não apenas “passava” o assunto de forma indiferente pura e simplesmente.

O medo era infantil, composto em saber se seria capaz de copiar no ritmo da universidade, se eu seria um bom universitário e se faria bons amigos.

Pouco a pouco, os medos foram deixando seus lugares para que outros se apossassem. Uma verdadeira montanha russa cheia de altos e baixos, incertezas e devaneios permearam toda a minha formação.

Dentro do curso muitos componentes curriculares marcaram minha formação de forma positiva ou negativa. Não se trata de uma batalha maniqueísta conceitual, disciplinas boas versus disciplinas ruins. Trata-se de elencar os componentes que julgo serem mais pertinentes na minha atuação profissional. Os parâmetros considerados nessa *eleição* foram a empatia, que contribuiu bastante para minha formação ética e humanizada; e a observação em campo tanto nos estágios quanto nas observações sem envolvimento acadêmico. É importante ressaltar que, embora eu faça uma lista das disciplinas que julgo serem mais pertinentes que outras não significa que as consideradas ruins sejam desnecessárias ou de fato pouco pertinentes; significa apenas que não houve uma relevância em minha subjetividade e/ou compreensão quanto a sua importância.

Para iniciar a lista, começarei mais uma vez por Antropologia da Educação. Não só por ter sido a primeira aula marcando o início de um processo, mas por tudo ter sido impactante durante o semestre que a cursei: a professora, a oratória, os conteúdos apresentados, as formas de trabalhá-los... Foi de fundamental importância para minha formação não apenas por uma perspectiva profissional quanto desenvolvedora de capacidades, mas pelo exemplo de profissional e ser humano que me foi apresentado. Nas aulas da Conceição Almeida comecei a desenvolver o pensamento crítico e o respeito a pluralidade dos conhecimentos e pessoas; além da formação da própria postura acadêmica.

Em Fundamentos Socioeconômicos da Educação, desenvolvi uma visão mais ampla sobre a política e as ligações micro (dentro da sala de aula) e macro (contexto político e econômico nacional) da Educação. Em Fundamentos Históricos-Filosóficos da Educação I, analisar a história e perceber que os acontecimentos e elementos que constituem a nossa sociedade tal como a conhecemos, não surgem de forma espontânea, mas é fruto de uma história que ainda se está acontecendo; que tudo passa por um processo histórico que demanda um olhar além do comum, requer um pensamento científico, de pesquisador que é próprio das práxis dentro e fora da academia.

Quanto aos conhecimentos que mais me ajudaram na execução do estágio, seria injusto desclassificar todas os componentes curriculares e extracurriculares que vivenciei na universidade a um nível meramente de utilidade. Mas ali na concretude da sala de aula, no espaço da escola, as disciplinas referentes aos ensinoss² me permitiram manter uma postura confiante frente aos meus alunos com relação aos conhecimentos. De forma mais específica, o ensino de ciências naturais, geografia e português. Todos esses ensinoss não apenas me capacitaram para elaborar um bom plano de aula, quanto desenvolvê-los em sala; e o restante dos componentes me ajudaram diante do “material humano”: a ética, na forma de tratar os educandos, os professores e profissionais que circulavam a escola.

Não apenas nessa parcela que considerarei restante do curso, porém durante algumas disciplinas nos foi apresentado imagens da docência. Seja numa

² Ensino da Língua Português, Ensino de Matemática, Ensino de Geografia, Ensino de História e Ensino de Ciências Naturais.

perspectiva de refletir proposta pelo professor(a) de algumas disciplinas, seja através da observação e escuta das falas tanto dos discentes quanto docentes; além é claro da própria postura apresentada com naturalidade no campus.

A primeira imagem que recordo, talvez a que esteja em maior evidência, é a do professor como um sacerdote. Assim como o sacerdote, essa imagem pede por uma vocação. O professor é aquele que tem uma missão sagrada de ensinar os conhecimentos científicos (na melhor das hipóteses) e os bons costumes as crianças, exclusivamente no caso do pedagogo. As condições de trabalho não são tão importantes, porque no final das contas é uma missão importante e como um missionário seria uma verdadeira blasfêmia exigir por melhores condições, pois confirma essa vocação quem quer, se o professor não o fizer até o fim de sua saúde, sem exageros será considerado um mal professor.

A segunda imagem, essa compartilhada entre os estudantes de pedagogia e que rivalizam com a primeira imagem é a do professor herói. Nesse caso o professor é professor porque precisam dele, porque ele gosta de fazer a diferença. Sem ele o mundo estaria pior, muito pior. Diferente do sacerdote, os heróis podem exigir por melhores condições de trabalho e o fazem porque merecem. Ora, eles carregam dentro de si a educação, a cura para todos os males da sociedade e defendem ferrenhamente a classe.

Por fim, vem a imagem do profissional de pedagogia. Este último abraça a realidade da profissão e permanece num estado acadêmico e científico, mais *pé no chão*. Não estou fazendo pouco das imagens de docentes apresentadas, mas a ironia expõe como elas nos são apresentadas. O profissional desmistifica a necessidade do martírio do sacerdote e reconhece que é necessário uma revolução conjunta para uma sociedade dita, melhor. Cabe a cada um enquanto pessoa e enquanto cidadão, acrescentar tudo aquilo que venha a somar para se chegar essa melhoria, que embora seja em sua forma ideal inalcançável, precisa-se da constância da busca para ir cada vez mais longe como o fazemos diante do horizonte.

O ALUNO

*A maior riqueza do homem
É a sua incompletude.
Nesse ponto sou abastado.
Palavras que me aceitam como sou – eu não
aceito.*
Manoel de Barros

Certa vez, em meio aos meus tormentos existenciais, enviei uma carta eletrônica à uma de minhas professoras preferidas. Nela, expressei minha tristeza e humildade ao me reconhecer como aluno: um sujeito sem luz, cheio de potencialidades que infelizmente estavam adormecidas, sem previsão de despertar; uma mariposa que batia repetidas vezes nas lâmpadas.

Refletindo o que fui durante o curso, pude perceber que transitei entre conceitos que, embora sejam considerados sinônimos, optei por distingui-los uns dos outros não apenas para diferencia-los simplesmente, mas para uma melhor compreensão do título aqui proposto. O porquê dessa auto percepção como aprendente.

Afinal, que diferenças podemos apontar entre os conceitos de aluno, estudante e aprendente?

Aproveitando o episódio da carta, começarei pelo conceito de aluno. Embora exista discordâncias entre autores diversos, ficarei com o conceito de aluno apresentado mais acima, *sem-luz*. Dessa forma o individuo torna-se um ser mais passivo e dependente de um outro sujeito: o professor; aquele que professa os ensinamentos/informações necessárias para que os alunos tenham seus momentos de luz quando acessam o conhecimento em alguma ocasião. Ou seja, na maioria das vezes em avaliações como reflete Amália Alves:

O aluno então é um ser passivo que ouve as informações que a escola proporciona e que deposita no límbico. A diferença com o estudante, é que o aluno depois de processar as informações no límbico, precisa estudar para que elas passem para a parte do córtex, que vai deter as informações e fazer com que o aluno aprenda de fato, depositando o aprendizado na memória remota. (ALVES, 2015. p. 9).

Quanto aos estudantes, podemos afirmar seguindo essa linha de pensamento (que o aluno é esse sujeito passivo), que o estudante é aquele sujeito mais ativo. O docente passa a ser um personagem mais horizontal, menos hierárquico e mais próximo.

Nessa relação professor/estudante, o conhecimento é trabalhado com perspectivas e metodologias que visam a aprendizagem do sujeito e não apenas uma *decoreba* para tirar boas notas.

Existe a participação do docente enquanto mediador e provocador; e do outro lado está o estudante, aquele que busca e se envolve de tal forma nas situações de ensino aprendizagem que se coloca constantemente em um desconforto que o leva desenvolver novas habilidades e novas competências, alargando seu conhecimento de mundo tanto pela via do senso comum, quanto científica.

E o aprendente? Sobre este, penso eu que diferente do estudante e do aluno, as relações e ponto de encontro do aprendente não se limitam a ambientes escolares e tão pouco se é ou não mais ativo ou passivo.

O aprendente possui de certa forma uma dinâmica de movimento, de vida. Não se trata mais de acumular conhecimentos, não se trata mais de desenvolver habilidades e competências de forma mais eficaz que o aluno; pelo menos esse não é o núcleo, a essência do que podemos apontar como aprendente. Este possui uma característica de ser no mundo, ser diante das mais variadas situações em que é posto o sujeito. Ser aprendente não é um posto que se ocupa; é uma atitude de contemplação diante da mística da vida e da leitura ativa das tantas páginas que o entorno, a história e os fenômenos não param de escrever.

Posso afirmar que fui aluno de determinados professores, cujo meu objetivo maior foi infelizmente apenas passar; que estudei determinadas disciplinas onde aprendi bastante e levarei os ensinamentos para aonde for; mas durante todo esse processo o qual percorro nesse memorial, eu fui e continuarei sendo um aprendente dentro e fora dos muros das instituições de ensino independente do nível.

Fazendo uma breve memória com os colegas com quem convivi e que ainda convivo no curso de Pedagogia, arrisco dizer pelo que observei ao longo do curso

que um número considerável de sujeitos não pretendiam cursar pedagogia. Desse percentual considerável, me pergunto quantos decidiram ser alunos, estudantes ou aprendentes do curso.

A experiência de cursar algo que não era primeira opção e em alguns casos foi quase um acidente as chances de se portar como aluno são enormes. Ou estudar e aproveitar o máximo possível para uma outra formação ou ainda atuar em outra área diferente da educação também é um caminho bastante trilhado. Digo isso baseado nas convivências que tive, as pesquisas que outros colegas fizeram. O que resta para o aprendente é ir além de uma formação profissional. É aprender a viver; necessitando não apenas dos conhecimentos, “mas também da transformação, em seu próprio ser mental, do conhecimento adquirido em sapiência, e da incorporação dessa sapiência para toda a vida.” (MORIN, 2003). É interessante perceber o jogo de palavras que cabe dentro desse conceito: o aprendente, o sobrevivente das próprias inconstâncias e das ondas do comodismo.

Poderia abandonar o curso, ou me tornar um aluno ou estudante como afirmei acima, embora tenha me portado como um e outro em diferentes momentos do curso. No entanto é no aprendente que encontro uma melhor definição para o que sou.

Percorrendo em pensamento esses anos que passei no curso e buscando manter um olhar analítico, percebo que me faltou uma visão realista e sistematizada.

Analisando agora o todo, fica evidente que as escolhas que fiz, as disciplinas que cursei, as atividades complementares vivenciadas tiveram como critério a empatia e/ou a obrigatoriedade. Ao refletir o caminho trilhado *de trás para frente* como recurso próprio da memória, percebi que apenas duas pessoas têm autoridade para falar sobre um determinado assunto: os especialistas e aqueles que sentiram na carne o outro lado da moeda; aqueles que conhecem como especialista e, mesmo assim, falham. Pela perspectiva da pesquisa e do acerto o especialista fia seus argumentos com coerência e precisão de quem cotidianamente acerta graças ao nível da perícia adquirida com estudos e práticas que rechearam suas experiências vividas de experiência profissional. Pela perspectiva da tentativa e do erro cometido e tantas vezes trilhado, o sujeito argumenta pesando cada ponto e

consequentemente expõe a importância desses pontos em cada falha cometida. É um exercício comum a ambos os personagens: a práxis; o pensar a prática antes, durante e seus ecos.

Meu futuro dentro da pedagogia é incerto. O que posso garantir é que levarei comigo para onde for os exemplos de profissionais que tive dentro e fora da universidade; que se eu for assumir a profissão dentro da educação ou em outro contexto, assumirei por completo, levando com dignidade e respeito aos meus professores e colegas e todos com quem terei contato. Por ora, o caminho ainda é incerto e sigo apenas com essa certeza: serei um profissional ético que busca de forma constante o seu aperfeiçoamento profissional e humano.

E AGORA?

Vivemos um tempo cada vez mais globalizado. As tecnologias da informação e de massa em suas variadas formas e configurações parecem comprimir o mundo transformando distâncias de dias em minutos. As notícias são tão rápidas quanto o próprio acontecimento “ao vivo”.

Na medida em que caminhamos rumo ao futuro que *nunca chega* e que se faz no *agora*, desenvolvemos mais e mais tecnologias; aprendemos sobre os costumes daqueles a quem chamamos de “outros”. Agregamos inconscientemente e inúmeras vezes formas de comer, de vestir, falar e até mesmo se portar diante das adversidades e diversidades, de diferentes contextos sociais e políticos.

Diante desse oceano tecnológico, político e globalizado, ficamos como que em ilhas de pensamentos, muitas vezes oprimidas pelas informações infinitas que chegam a ditar com a autoridade do tempo, as formas que as vidas devem seguir.

A mesma medida em que acumulamos informações e nos apropriamos até certo ponto das culturas das grandes potências, perdemos em memória e em identidade. Dentro desse contexto complexo, onde e como fica a Pedagogia? Ela acompanhará os ritmos da sociedade?

Não tenho autoridade acadêmica para afirmar uma ou outra resposta. Tão pouco caberia uma dissertação extensa, quem sabe até monográfica, sobre essas questões nesse humilde memorial. Mas uma coisa é certa: onde houver uma caverna de Platão, existirão aqueles que saem e voltam para buscar os que ficaram.

Em todos os tempos vivemos, enquanto humanidade, alguma caverna. Cavernas individuais e coletivas; cavernas em vilas e cavernas globais. É certo que daqui para frente teremos novos desafios, e infelizmente ressuscitaremos velhos conflitos. Desse modo, o pedagogo irá fazer e se refazer como todas as outras profissões e áreas do conhecimento. Mas o que fica claro para mim, é que enquanto profissional e essência, serão peças importantes nesse imenso quebra cabeça que se chama Terra.

E quem sabe um dia, ante a face espelhada das novas tecnologias com suas interfaces convidativas, precisaremos romper mais um umbral de uma caverna? Espero participar disso recordando com calor e descalço o início de minha trajetória como pedagogo.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria da Conceição de. **Ensaio de complexidade**. Coordenação de Gustavo de Castro. Porto Alegre: Sulina, 2006. 4ª ed.

ALVES, Amália Cardoso. **A diferença entre aluno e estudante**. Paracatu, MG. 2015.

BOAVENTURA, Edivaldo M. **Como ordenar as ideias**. 3ª ed. São Paulo: Ática, 1993.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Tristes trópicos**. Tradução de Jorge Constante Pereira e revisão de Ruy de Oliveira e Henrique Fiuza. Lisboa: Edições 70, 1986.

LIMA, Analwik Tatielle Pereira de. **Bem vindas Metáforas!** Revista Educação em Questão, Natal, v. 41, n. 27, p. 192-218, jul./ dez. 2011.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Tradução Eloá Jacobina. 14ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

_____. **Educar na era planetária: o pensamento complexo como método de aprendizagem no erro e na incerteza humana**. Elaborado para a Unesco por Edgar morin, emílio Roger Ciurana, Raúl domingo Motta; tradução de Sandra Trabuco Valenzuela; revisão técnica da tradução de Edgar de Assis Carvalho. 2 ed. São Paulo: Cortez, Brasília, DF: UNESCO, 2007.

_____. **Meus demônios**. Tradução de Leneide Duarte e Clarisse Meireles – 5ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

_____. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva, Jeanne Sawaya. Brasília: UNESCO, 2000.